

# “RECORDA-TE DE ONDE CAÍSTE”: LEITURA EXEGÉTICO-PASTORAL DA CARTA À IGREJA DE ÉFESO EM AP 2,1-7

**Paulo Roberto Matassa**

Mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de Sagrada Escritura no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater de Brasília.  
E-mail: prmatassa@live.com

**Resumo:** As sete cartas às sete Igrejas encontram-se dentro da primeira seção do livro do Apocalipse (1 – 3,22), e se constituem como o momento penitencial da assembleia reunida na escuta da Palavra de Deus. Os símbolos utilizados pelo autor em sua obra exigem a cooperação hermenêutica da comunidade que lê e escuta a fim de que possam aplica-los, uma vez desvelados, à situação pessoal e eclesial de cada época. Ainda hoje, a pergunta feita pelo Senhor a Maria Madalena – “Mulher, por que choras?” (Jo 20,15) – é dirigida a cada homem que se encontra em situações particularmente difíceis, convidando-o a olhar com confiança a ressurreição de seu Senhor. E é precisamente esta dimensão do amor que procura o amado o motivo de fundo que encontramos na carta à Igreja de Éfeso (Ap 2,1-7). A perda da memória das obras realizadas por Deus na história pode fazer com que o zelo pelo anúncio do evangelho se esfrie, tendo como consequência inevitável o abandono do primeiro amor.

**Palavras-chave:** Evangelização. Fadiga. Perseverança. Recordar. Conversão. Amor.

**Abstract:** The seven letters to the seven churches are encountered in the first section of the book of Revelations (1 – 3, 22) and they constitute the penitential moment of

the assembly gathered to listen to the Word of God. The symbols used by the author in his work demand a hermeneutic co-operation of the community that reads and listens so that they can be applied, once unveiled, to the personal and eclesial situation of each age. Even today, the question asked by our Lord to Mary Magdalene – “Woman, why are you weeping?” (Jo 20, 15) – is directioned to each and every man who encounters himself in situations, particularly difficult, inviting him to look with confidence at the resurrection of the Lord. And is precisely this dimension of love in search of his beloved the principal reason that we find in the letter to the church in Efesus. The forgetfulness of the of the marvels realized by God in the history can be a reason for the lack of zeal of the announcement of the Gospel, which leads to the abandonment of the first love as a inevitable consequence.

**Keywords:** Evangelization. Tiredness. Perseverance. Remembrance. Conversion. Love

**Resumen:** Las siete cartas a las siete Iglesias se encuentran dentro de la primera parte del libro del Apocalipsis (1 – 3, 22), y se constituyen como el momento penitencial de la asamblea reunida para escuchar la Palabra de Dios. Los símbolos utilizados por el autor en su

\* Este artigo é uma versão reduzida de um dos capítulos de minha Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 2011, sob o título: O Diálogo com Trifão de São Justino mártir e a relação entre judeus e cristãos (século II). Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19102011-163239/pt-br.php>>, acessado em: 20 out. 2011.

*obra exigen la cooperación hermenéutica de la comunidad que lee y escucha con el fin de que puedan aplicarlos, una vez desvelados, a la situación personal y eclesial de cada época. Todavía hoy, la pregunta hecha por el Señor a María Magdalena – “¿Mujer, por qué lloras?” (Jo 20, 15) – está direccionada a cada hombre que se encuentra en situaciones particularmente difíciles, invitándolo a mirar con confianza la resurrección de su Señor. Y es precisamente esta dimensión del amor que busca al amado el motivo de fondo que encontramos en la carta a la Iglesia de Éfeso (Ap 2, 1-7). La pérdida de la memoria de las obras realizadas por Dios en la historia puede hacer que el celo por el anuncio del evangelio se enfríe, teniendo como consecuencia inevitable el abandono del primero amor.*

**Palabras clave:** Evangelización. Fatiga. Perseverancia. Recordar. Conversión. Amor.

**Sommario:** Le sette lettere alle sette chiese si trovano nell'ambito della prima sezione del libro dell'Apocalisse (1 – 3,22), e si costituiscono come il momento penitenziale dell'assemblea radunata nell'ascolto della Parola di Dio. I simboli utilizzati dall'autore nella sua opera esigono la cooperazione ermeneutica della comunità che legge e ascolta perché possano applicarli, una volta svelati, alla situazione personale ed ecclesiale di ogni tempo. Ancora oggi la domanda posta dal Signore alla Maddalena – «Donna, perché piangi?» (Gv 20,15) – viene rivolta ad ogni uomo che si trova nel dolore, e lo invita a guardare con fiducia la risurrezione del suo Signore. Ed è proprio questa dimensione

*dell'amore che cerca l'amato il motivo di fondo che ritroviamo nella lettera alla chiesa di Efeso (Ap 2,1-7). La dimenticanza delle opere compiute da Dio nella storia può far sì che lo zelo per l'annuncio del vangelo si raffreddi, avendo come inevitabile conseguenza l'abbandono del primo amore.*

**Parole chiave:** Evangelizzazione. Fatica. Perseveranza. Ricordare. Conversione. Amore.

**Résumé:** Dans la première partie du livre de l'Apocalypse (1-3,22), on voit les sept lettres adressées aux sept églises. Elles constituent le moment pénitentiel de l'assemblée réunie par l'écoute de la Parole de Dieu. Les symboles utilisés par l'auteur dans son œuvre demandent la coopération herméneutique de la communauté qui va les lire et les écouter, pour qu'elle puisse les appliquer, une fois qu'ils sont dévoilés, à la situation personnelle et ecclésiale de l'époque dont ils sont insérés. La question posée par le Seigneur à Marie de Magdala - « Femme, pourquoi pleures-tu? » (Jean 20,15) est encore aujourd'hui dirigée vers chaque homme qui se rencontre dans des situations particulièrement difficiles, en les invitant à regarder avec confiance la résurrection de son Seigneur. Il est précisément cette dimension de l'amour qui cherche le bien-aimé le motif de fond que l'on rencontre dans l'Épître aux Éphésiens à l'Église (Ap 2, 1-7). La perte de la mémoire des œuvres réalisées par Dieu dans l'histoire peut refroidir le zèle pour l'évangile, en ayant en conséquence inévitable l'abandon du premier amour.

**Mots-clés:** Évangélisation. La fatigue. Persévérance. Rappeler. Conversion. L'amour.

## 1. INTRODUÇÃO

Na segunda metade do séc. I d.C., a igreja atravessa um momento particularmente difícil, sofrendo muitas perseguições e situações de conflito, seja em relação ao mundo externo que no seu interior. Os primeiros tempos de vida da igreja não foram fáceis. O anúncio da boa notícia de Jesus Cristo morto e ressuscitado para o perdão dos pecados propagado pelos missionários cristãos, por mais que representasse uma novidade absoluta, encontrou enormes dificuldades quando aqueles que o acolheram encontraram-se diante de situações de oposição e recusa por parte da autoridade romana – fortemente influenciada pela cultura helenística – e dos ataques oriundos do mundo judaico e grego, que se recusavam a reconhecer Jesus como o Cristo. Os últimos acontecimentos – a queda de Jerusalém e a consequente organização da estrutura rabínica – causaram forte impacto também no seio do cristianismo nascente; era necessário encontrar uma resposta e um comportamento adequado a fim de viver a nova situação, a qual havia gerado enormes dificuldades internas, como divisões e discussões doutrinárias e cujas soluções pareciam impossíveis de serem encontradas. Neste momento particular, onde a igreja atravessava um período de grave crise foi escrito o livro do Apocalipse.

A Tradição antiga atribui a paternidade do livro do Apocalipse ao apóstolo João<sup>1</sup>, reconhecendo o escrito como originário do ambiente geográfico e cultural da Ásia Menor, mais precisamente a cidade de Éfeso e seu território. O seu autor se define profeta e servidor da palavra (cf. Ap 10,11; 22,6.9)) e desde o prólogo, depois de ter denominado a sua obra como “apocalipse” (1,1), ele a designa também como “palavras de profecia” (1,3).

O conteúdo do livro revela um esforço de leitura crítica da história à luz da revelação divina e, ao mesmo tempo, um modo de projetar o futuro segundo a ótica de Deus; é Ele o único que pode abrir o futuro revelando

---

<sup>1</sup> Entre os testemunhos mais antigos que nos chegam da tradição patrística citamos: Justino, *Diálogo com Trifão* 81,4; Irineu, *Contra as heresias*, 4,20,11; 5,26,1. A escola alexandrina e os escritores latinos também são testemunhas desta mesma tradição.

assim, o sentido da história. O livro, portanto, constitui-se como a resposta da comunidade cristã diante do drama da história, em um momento de particular sofrimento.

Podemos deduzir estas indicações pelos indícios presentes no próprio livro do Apocalipse, sobretudo nas cartas enviadas às sete igrejas presentes no território; elas, de fato, refletem a situação histórica e religiosa das igrejas da Ásia neste período. Inserindo estas cartas no contexto de uma celebração litúrgica o autor, no intuito de reavivar a esperança da comunidade cristã no momento em que se preanunciava a dura perseguição desencadeada contra os cristãos, reafirma o princípio segundo o qual o desfecho da história humana está sob o selo da vitória de Deus que já se manifestou no mistério pascal. O mistério pascal de Cristo torna-se a chave de leitura para interpretar toda a história, passada, presente e futura. Por mais que sejam violentos e devastadores, os eventos que se sucedem no decorrer da história não são frutos de um determinismo cego e irracional: Deus, o Senhor da história estenderá ao universo inteiro o triunfo de Cristo sobre todo poder infausto, eliminando definitivamente as forças do mal.

A característica de maior relevo da mensagem do Apocalipse consiste em reconduzir a expectativa a Cristo presente que se apresenta à comunidade cristã como Salvador e Senhor. A igreja não é consolada somente em previsão da realidade futura, mas também e principalmente mediante a lembrança do constante amor daquele que, com a sua paixão e morte, a resgatou da escravidão do pecado e da culpa (1,5; 5,9; 7,14; 12,11). A comunidade é, desde já, o lugar onde Deus reina, onde a Sua soberania é reconhecida e testemunhada. A esperança não é, portanto, utopia ou desejo, mas sim consequência da salvação manifestada na morte e exaltação de Cristo.

Falamos aqui de uma nova evangelização, vista em uma perspectiva de otimismo e resistência, de alegria e não de angústia. O gênero apocalíptico era o instrumento conhecido para consolar e reacender a esperança nos momentos de grande crise. Todavia, se a apocalíptica judaica anunciava a

eminente intervenção de Deus na história, para o Apocalipse este evento já se realizou na Páscoa do Senhor Jesus; nisso consiste a verdadeira "catástrofe", ou seja, a "guinada" da "nova criação" que Deus está realizando (Ap 21,5) e que a igreja deve saber discernir. O livro desenvolve, portanto, uma verdadeira e própria teologia da história, impregnada de otimismo e apresentada ao longo da linha do tempo, que progressivamente chega ao fim.

## 2. O SETENÁRIO DAS CARTAS

As sete cartas dirigidas às sete igrejas – Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia (Ap 2 – 3) – encontram-se dentro da primeira seção do livro do Apocalipse (1 – 3,22), e se constituem como o momento penitencial da assembleia reunida na escuta da Palavra de Deus. Os símbolos utilizados pelo autor em sua obra exigem a cooperação hermenêutica da comunidade que lê e escuta a fim de que possam aplicá-los, uma vez desvelados, à situação pessoal e eclesial de cada época.

São realmente cartas, ou trata-se apenas de um artifício literário? Hoje são poucos os exegetas que duvidam do caráter real das cartas. Foram escritas, entretanto, para serem lidas juntas, ou seja, a mensagem é uma só. Trata-se, portanto, de uma única grande carta, que serve de introdução a todo o livro. As igrejas são apresentadas como realidades locais, mas o número simbólico sete, considerado na Escritura como símbolo de universalidade e da perfeição, nos revela as cartas foram escritas não apenas às comunidades citadas, mas a toda a igreja universal que, como tal, ultrapassa o limite da dimensão espaço-temporal<sup>2</sup>.

Elas possuem um estilo original, que não se encontra em outras partes do Novo Testamento. Um elemento fundamental que a distingue diz respeito ao emissor: é sempre Cristo ressuscitado quem fala<sup>3</sup>:

<sup>2</sup> Cf. ALVES, H. et al. *Apocalipse, novos céus e nova terra*, in *Coleção Dinamização Bíblica 9*, Lisboa: Difusora Bíblica, 1988, p. 133-134; TUÑI, J.-O., ALEGRE, X. *Escritos Joánicos y Cartas Católicas* in *Introducción al estudio de la Biblia 8*, Estella: Verbo Divino, 2008, p. 275.

<sup>3</sup> Cf. VANNI, U. *La struttura letteraria dell'Apocalisse* (Aloisiana 8a), Brescia: Morcelliana 1980<sup>2</sup>, p. 303.

O nosso autor escreve as cartas com a convicção de quem fala em nome de Cristo. As cartas constituem, mais do que qualquer outra parte do Apocalipse, um discurso profético dirigido às igrejas do tempo e do lugar. Estas cartas contêm, portanto, a preparação, a mensagem pastoral que o nosso autor se sente levado a dirigir às igrejas que conhece<sup>4</sup>.

Todas as sete cartas apresentam a mesma estrutura literária, organizada em seis etapas: temos um endereço; uma auto apresentação de Cristo; o juízo sobre a situação da igreja; exortação particular de Cristo à igreja; o convite a escutar o Espírito; a promessa feita ao vencedor. As cartas são apresentadas como um itinerário de conversão: a assembleia se confronta com Cristo e com a sua Palavra; à luz desta palavra analisa a própria situação, no bem e no mal; dócil ao espírito, a comunidade discerne e toma as decisões. Cada carta oferece um programa de vida e de ação às igrejas na escuta do Espírito, no seu caminho de conversão ou na perseverança ao lado de Cristo.

A mensagem nelas contida apresenta, portanto, uma eclesiologia que ultrapassa as diferenças locais. Através delas somos introduzidos em uma igreja plenamente visível, constituída por traços concretos; somos colocados em contato com essas comunidades cristãs da Ásia Menor com suas dificuldades, fraquezas, mas também sua generosidade e perseverança. Encontramo-nos diante de um cristianismo muito bem enraizado na história, de tipo comunitário, com uma estrutura hierárquica bem definida<sup>5</sup>.

Elas revestem-se de particular importância, uma vez que refletem a situação do cristianismo nascente na região da Ásia menor. Nesse sentido, elas nos oferecem um valioso contributo para a reconstrução da vida interna da igreja radicada nesta região. As cartas contêm precisas informações acerca dos aspectos religiosos, políticos e geográficos das cidades onde estas igrejas se inserem, o que nos permite perceber que o seu autor conhecia muito bem a região na qual floresceram as comunidades

<sup>4</sup> Cf. PRINGENT, P., *O Apocalipse*, São Paulo: Loyola, 1993, p. 45; também VANNI, U. *La struttura letteraria dell'Apocalisse* (Aloisiana 8ª), Brescia: Morcelliana 1980<sup>2</sup>, p. 303.

<sup>5</sup> Cf. FÉRET, H.-M. *O Apocalipse de São João*, São Paulo: Paulinas, 1968, p. 135.

destinatárias da mensagem. Durante o período no qual estas igrejas floresceram, a Ásia Menor era, geograficamente, o ponto de encontro entre o Ocidente e o Oriente; não é de se admirar, portanto, pelo fato que, entre tantos comerciantes, políticos, artesãos de todas as regiões que para lá se dirigiam, o fenômeno do sincretismo religioso adquirisse um importância não indiferente, difundindo-se rapidamente com suas diversas formas. H.-M. FÉRET, aludindo ao fenômeno religioso existente na época em questão constata que "no tempo do Apocalipse, e nos últimos anos da longa vida do apóstolo amado, de modo algum se achava afastado o perigo dos gnósticos e das religiões místicas. Nosso livro, em particular nas cartas às igrejas, faz ainda amplas alusões a respeito"<sup>6</sup>.

Mas o perigo para as comunidades cristãs não se resumia no gnosticismo; isso porque as diversas culturas sempre ligaram a religião ao sentimento nacionalista, ao poder civil. Um exemplo disto vem do fato que o imperador Domiciano obteve do senado romano o título de divindade, e a obrigatoriedade do culto, fazendo-se aclamar "nosso senhor e nosso deus". Evidentemente, tal perspectiva de culto deveria, inevitavelmente, criar grandes dificuldades para os membros da comunidade eclesial que se recusassem a fazer semelhante ato de culto idólatrico<sup>7</sup>.

Como podemos observar, torna-se necessário, de consequência, conhecer o contexto de cada uma destas comunidades para que se possa conhecer a realidade eclesial existente na província romana da Ásia Menor porque o autor – partindo de comunidades concretas com experiências diversas – quer traçar o perfil de uma igreja que, atenta aos apelos do seu Senhor e Salvador, escuta e é convidada a por em prática aquilo que ouviu: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas" (Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22).

Em nosso estudo leremos somente a primeira carta, aquela que tem a comunidade de Éfeso como destinatária da mensagem. Lembremo-nos,

---

6 Ibid., p. 16

7 Ibid., p. 19-22.

todavia, da necessidade de fazer uma leitura acurada de todas elas, uma vez que, como dissemos anteriormente, elas se constituem como uma única mensagem destinada a toda a igreja de todos os tempos e lugares.

### 3. A IGREJA DE ÉFESO: AP 2,1-7.

v.1: "Ao Anjo da Igreja em Éfeso, escreve..."

Éfeso, cidade mais célebre da província romana da Ásia Menor<sup>8</sup>, detinha um lugar de extrema importância no ambiente comercial, político e religioso do tempo. A cidade foi, desde os tempos antigos, de considerável importância por sua posição geográfica. Duas estradas importantes atravessavam a cidade, uma em direção à costa e outra continuando em direção ao interior, passando por Laodiceia. Em virtude de sua localização geográfica privilegiada Éfeso tornou-se um grande centro comercial; de fato, a sua proximidade com o mar facilitava grandemente o comércio de produtos vindos do interior, além de favorecer também as relações comerciais realizadas pelo Mediterrâneo<sup>9</sup>.

Éfeso era conhecida também como um centro religioso para toda a região, o foco de adoração da deusa da fertilidade Ártemis, cujo templo era meta constante de peregrinações. Na época de Domiciano chegou a ser também o centro do culto imperial da província proconsular da Ásia.

Esta igreja foi fundada por São Paulo durante a sua terceira viagem apostólica<sup>10</sup>; o apóstolo chegou àquela região por volta de 53-56, e pregou o Evangelho com grande êxito por cerca três anos. Todavia, a propagação da fé cristã foi obstaculizada a motivo de um tumulto muito grave fomentado pelos ourives do local; estes artesãos, cuja atividade comercial consistia na fabricação de estátuas e templos de prata em honra à deusa venerada pelos efésios acabaram criando uma situação tal que Paulo se viu forçado a abandonar a cidade<sup>11</sup>. Posteriormente, a tradição cristã atribuiu a presença de João e a Virgem

<sup>8</sup> Cf. AUNE, D. E. *Revelation 1-5*, in *Word Biblical Commentary*, 52A, Dallas: Word Books, Publisher, 1997, p. 154

<sup>9</sup> Cf. CHARLIER, J.-P. *Comprender el Apocalipsis*, vol. I, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1993, p. 74-75.

<sup>10</sup> Cf. At 19,10; 20,31.

<sup>11</sup> Cf. At 19,23ss.



Maria em Éfeso<sup>12</sup>. Aquilo que podemos afirmar com segurança é que nos inícios do II séc. d.C. em Éfeso coexistiam algumas variedades de cristianismo, a saber: Igreja Paulina, "escola" judaico-cristã, nicolaítas e judeu-cristãos de Patmos<sup>13</sup>.

Desde quando o apóstolo Paulo fundou ali a primeira comunidade cristã, a cidade tornou-se um respeitável centro cristão para toda a região, tendo sido uma das cidades de maior relevo na formação do cristianismo primitivo. A igreja de Éfeso orgulhava-se de ser a mais bem organizada e, em certo qual modo, possuía a primazia sobre as outras igrejas da província. Todavia, tendo a comunidade nascido em um ambiente paganizado, onde vigorava – como já dito anteriormente – o culto ao imperador, os cristãos de Éfeso constituíam-se como minoria obrigada a nadar contra a corrente. Não nos resulta claro, porém, que existissem perseguições contra os seus membros.

A carta é endereçada ao Anjo da igreja; esta referência, todavia, permanece misteriosa. Não se compreende facilmente quem eles sejam ou o que representam. De acordo com uma ideia muito difusa no tardo judaísmo, alguns estudiosos pensaram que o personagem seria o espírito protetor da comunidade; para outros, o anjo seria o mensageiro portador da carta (segundo o significado do termo grego). Alguns Padres da Igreja acreditam que ele seria o bispo responsável da comunidade, encarregado de ler a mensagem na assembleia litúrgica. Em todo caso, a sua presença indica a realidade transcendente da igreja; a ideia teológica aqui sugerida é a de que as igrejas estão na mão de Cristo, submissas à sua jurisdição.

Uma vez indicado o destinatário da mensagem, o emissor se apresenta: *"Assim diz aquele que segura as sete estrelas em sua mão direita, o que anda em meio aos sete candelabros de ouro"* (v.1b).

O Senhor ressuscitado, de fato, é apresentado na sua relação com a igreja de cada tempo; ele "segura as sete estrelas em sua mão direita<sup>14</sup>... andando em meio aos sete candelabros de ouro". A sua presença, portanto,

<sup>12</sup> O Novo Testamento, junto a Paulo, une a Éfeso também os nomes de Apolo, Áquila e Priscila e Timóteo.

<sup>13</sup> Cf. AUNE, D. E. *Revelation*, p. 140.

<sup>14</sup> A mão direita de Deus é a mão da vitória, do seu afeto (cf. Is 49,6; Ez 20,33; Ct 2,6).

é dinâmica, comunica o seu agir, a sua energia a toda a igreja; trata-se de uma forma oracular e profética que tem suas raízes no Antigo Testamento: o ressuscitado goza das mesmas prerrogativas que no Antigo Israel são reservadas a Deus Pai. A força do mistério pascal faz com que as estrelas se tornem realidades transcendentais, colocadas no espaço santo de Deus. Além disso, o fato que ele caminhe em meio a elas indica que o ressuscitado vigia constantemente sobre estas comunidades cristãs.

O autor considera as igrejas como lâmpadas, as quais, como o seu testemunho, irradiam à toda a humanidade a luz da mensagem evangélica, manifestando a presença de Jesus, luz do mundo. A igreja, iluminada pela luz de Cristo, torna-se também ela luz para o mundo. Cada uma destas comunidades goza da mesma dignidade e entre elas existe uma relação de igualdade e comunhão.

Nesse momento, o Ressuscitado dirige-se em primeira pessoa à comunidade eclesial; em relação à igreja presente em Éfeso o seu julgamento é muito positivo: encontramos, de fato, seis aspectos que parecem ter sido descritos com a finalidade de colocar esta comunidade cristã como a primeira de todas as igrejas: as suas obras, as suas fadigas, a sua constância, a sua atitude em relação aos malvados, a vigilância relativamente aos falsos apóstolos (v.2) e o ter sofrido (v.3). Em suma, a comunidade de Éfeso aparentava ter todas as condições para ser uma igreja perfeita.

A esta igreja, que vive em um ambiente cheio de seitas e de cultos diversos, Cristo elogia a sua fadiga e perseverança, a sua incansável ação contra os malvados, o seu empenho em combater os falsos apóstolos que agem no interior da comunidade, apregoando doutrinas contrárias à mensagem evangélica. A presença destes indivíduos, os quais manifestamente ensinam doutrinas contrárias àquela transmitida pela tradição apostólica, é claramente reconhecida no ambiente eclesial<sup>15</sup> (2,2). Embora não possamos

<sup>15</sup> Poderia ser uma referência aos falsos missionários itinerantes que viajavam pelas cidades, fazendo-se passar por apóstolos (cf. 1Cor 11,4.5.13); ou de judeus (ou judaizantes) que se esforçavam para introduzir-se nas comunidades cristãs com o escopo de criar divisões (cf. Gl 1,6), ou dos nicolaítas (v.6). Desde o início a igreja teve que combater contra aqueles que semeavam erros, e que viviam no seio da comunidade cristã (At 20,29-30; 2Ts 2,2; 2Cor 11,13; 12,11; 1Cor 5,9-12; 1Tm 4,1-3; 2Tm 4,1-5).

definir com certeza a qual heresia o autor se refere, este fato se constitui como uma constante ameaça para a comunidade. É importante ter presente que o "*principium individuationis*" deste ensinamento sectário e a sua consequente denúncia é feita mediante o confronto com a tradição apostólica, indicando, deste modo, a importância de conservar a fé recebida; a comunidade cristã deve permanecer fiel diante das novas situações que se apresentam.

O grande mérito da igreja de Éfeso, portanto, é precisamente o de ter sabido desmascarar falsos apóstolos que tentavam usurpar, entre os seus fiéis, uma autoridade sagrada. De modo similar, entrevemos algo das assembleias cristãs e das leituras que ali se fazem, como também das excomunhões que ali se pronunciam (2,6). A comunidade se comprometeu com perseverança em manter a doutrina dos apóstolos e também na evangelização. Por um lado, constata-se que a comunidade combateu com todas as forças para defender o evangelho dos ataques adversários; tudo isso, porém, não diminui nela a constância em suportar novos ataques.

Outro elemento importantíssimo presente no texto está relacionado à evangelização: "*Conheço... tua fadiga*". A fadiga de Éfeso não deve ser entendida como simples labor: o verbo *kopiaō* – "fadigar", "cansar-se", "trabalhar até a exaustão" – junto com o substantivo *kopos* ("trabalho", "labor") faz parte do vocabulário missionário da igreja primitiva. O quarto evangelho, referindo-se ao encontro de Jesus com a mulher samaritana, o utiliza em três momentos muito significativos. No início da narração o evangelista relata o cansaço de Jesus, quando, tendo deixado a Judeia em direção à Galileia, sentou-se junto ao poço de Jacó, na Samaria (Jo 4,6). A alusão ao cansaço de Jesus está ligada ao clima missionário que caracterizará toda a narração. Na conclusão do episódio, de fato, encontramos o mesmo termo três vezes na boca de Jesus, com uma referência direta à missão na Samaria: "Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes (*kopiaō*); outros trabalharam (*kopiaō*) e vós entrastes no trabalho (*kopos*) deles" (Jo 4,38).

Paulo também emprega o termo para falar de sua atitude durante a sua estada em Tessalônica: “Ainda vos lembrais, meus irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas. Trabalhamos de noite e de dia para não sermos pesados a nenhum de vós. Foi assim que pregamos o Evangelho de Deus”<sup>16</sup>.

Portanto, as obras mencionadas em Ap 2,2 não são as obras da fé, mas indicam uma realidade concreta, laboriosa, como podemos constatar à luz de textos presentes no próprio livro do Apocalipse, mais precisamente em 14,13: “Ouvi então uma voz do céu, dizendo: Escreve: felizes os mortos, os que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanham”.

Podemos, assim, pensar que a realidade concreta acima citada traduz-se na comunidade mediante a evangelização: é um trabalho fatigoso, mas Éfeso não vacila e nem se deixa levar pela emoção ou sentimentos.

Existe, porém, uma dura realidade que se faz cada vez mais intensa no seio da comunidade. Em toda a Ásia Menor a igreja de Éfeso se destacava pelo seu testemunho e pelo extenuante trabalho em prol da difusão da boa notícia do evangelho do Reino de Deus. Todavia, apesar de todas as suas qualidades e virtudes inegáveis, com o passar do tempo surgiu no seio da comunidade uma séria dificuldade: ela abandonou o seu primeiro amor (v.4), que poderá conduzir, se a comunidade não se converter, à sua exclusão da comunhão litúrgica<sup>17</sup> e à sua extinção, como aconteceu posteriormente<sup>18</sup>.

Como entender a recriminação a ela dirigida? O primeiro amor deve ser referido a qual situação concreta da vida comunitária desta igreja tão ilustre em obras? Para isso devemos ter presente o significado do verbo grego *aphiēmi* (“abandonar”). Este pode significar também “renunciar”,

<sup>16</sup> Outros textos paulinos onde os vocábulos *kopiaō* e *kopos* são utilizados para falar do trabalho missionário (1Cor 3,8; 15,10; Col 1,29; 1Ts 3,5, etc.) ou para referir-se à atividade realizada na comunidade (1Cor 16,16; 1Ts 5,12; 1Tm 4,10; 5,17); veja-se também At 20,35.

<sup>17</sup> Cf. VANNI, U. *Apocalipsis*, Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999<sup>7</sup>, p. 33

<sup>18</sup> Cf. HOWARD, F. D. 1, 2 & 3 *John, Jude, Revelation 24*, in *Layman's Book Commentary*, Nashville: Broadman Press 1982, p. 60.

"abandonar", ou mesmo "descuidar", "enfraquecer". E a recriminação que Cristo dirige a ela parece ser por causa de sua negligência, ou seja, a indiferença em relação ao primeiro momento onde o amor manifestou-se. Éfeso abandonou o amor gratuito, não interessado, recebido no momento inicial de sua conversão a Cristo; não é mais "doente de amor" como a esposa de Cântico dos Cânticos (2,5). Não é possível definir com exatidão se ela encontrou novos "maridos", ou seja, se caiu no pecado de idolatria tal como a mulher Samaritana de Jo 4: a única certeza que o texto nos revela é o fato que a comunidade vive esta relação sponsal com o Cristo Ressuscitado na indiferença. Nesse caso, sem que o fato se constitua em um abandono propriamente dito do amor, os efésios estariam perdendo o zelo pela evangelização e pelas coisas de Deus?

Observe-se que o texto estabelece um paralelismo entre "primeiro amor" (v.4) e "primeiras obras" (v.5); nesse caso, o problema não nasce do fato que Éfeso não realiza mais as obras, mas sim do fato que não o faz com o mesmo amor, intensidade e exclusividade de outrora.

Lembremo-nos que o primeiro amor sempre é marcado por uma graça particular, possui motivações fortes. Em relação à vida cristã este momento pode ser identificado com o anúncio do *kerigma*, ou seja, quando o homem tem um encontro concreto com a misericórdia de Deus que, em seu Filho Jesus Cristo o salva da morte e o perdoa. Todavia, a mensagem de salvação recebida e vivida pode, com o passar do tempo e as dificuldades, transformar-se em rotina, o que poderia estar acontecendo com a comunidade de Éfeso.

O primeiro amor é a disposição que impulsiona o missionário a semear, num misto de lágrima e júbilo, a preciosa semente do evangelho<sup>19</sup>. Existe, porém, o momento em que aparece o amor desiludido, cansado pelo peso da rotina, a qual tem o terrível poder de apagar e enfraquecer o ardor do coração, de tornar vão todo e qualquer propósito, colocando a dura prova a boa vontade, fazendo com que o amor inicial entre em uma profunda crise.

---

<sup>19</sup> Cf. Sl 126,5-6.

Assim, embora teológica e bíblicamente correta na doutrina, Éfeso já não conservava o ardor daquele sentimento que um dia fez a Sulamita palpitar pelo esposo: “Eu sou do meu amado, o meu amado é meu” (Ct 6,3).

A comunidade de Éfeso, portanto, está vivendo em um profundo engano: pensando que, realizando tantas boas obras já está suficientemente segura, não percebe que está perdendo de vista aquilo que é mais importante: a sua alma espiritual; é o risco de quem escolhe “as coisas de Deus”, que são boas em si mesmas, mas perdeu de vista a fonte, isto é, Deus.

A igreja censurada não pode voltar atrás ou levantar-se com suas próprias forças. Existe somente uma possibilidade: lançar-se nos braços de Deus de tal modo que ele mesmo conceda novamente a ela o seu amor. Por este motivo, Cristo agora exorta a sua igreja, chamando-a seriamente à conversão: “*Recorda-te, pois, de onde caíste, converte-te e retoma a conduta de outrora. Do contrário, virei a ti e, caso não te convertas, removerei teu candelabro de sua posição. Tens de bom, contudo, o detestares a conduta dos nicolaítas, que também eu detesto*” (vv. 5-6).

Para que Éfeso retorne ao primeiro amor faz-se necessário um sério caminho de conversão, esquematizado no texto mediante três verbos ao imperativo, os quais podem ser vistos como uma estrada a percorrer: recordar, converter-se e fazer as obras de outrora. Temos assim a tríplice via da conversão: a) a via da memória; b) a via do coração; c) a via das obras. Vejamos:

- a) O grande pecado de Israel sempre foi o de não lembrar-se, esquecer os benefícios e maravilhas realizados por Deus<sup>20</sup>. O livro do Deuteronômio “desenvolveu uma teologia da memória”<sup>21</sup>, com o

<sup>20</sup> Cf. Sl 106: o salmo apresenta os oito pecados cometidos pelo povo de Israel desde a saída do Egito até a deportação em terras de Babilônia: a rebelião junto ao mar dos juncos (106,7); a ambição (vv.13-15); a inveja (vv.16-18); a adoração do bezerro de ouro (vv.19-23); a murmuração nas tendas (vv.24-27); o culto a Baal de Fegor (vv.28-31); a irritação junto às águas de Meriba (vv.32-33); as idolatrias na terra de Canaã (34-46). Como observa Gianfranco Ravasi: “La genealogia intera di Israele, dai “nostri padri” in avanti, è una catena di iniquità” (RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi: commento e attualizzazione*, vol. III, Bologna: Dehoniane, 1997, p. 178).

<sup>21</sup> Cf. Michel (apud BARTELS, K. H. *Mimnêskomai*, in a cura di COENEN, L. – BEYREUTHER, E. – BIETENHARD, H. *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna: ed. Dehoniane, 2000<sup>6</sup>, p. 980).

fim de exortar os israelitas a recordar o amor de Deus para com eles durante as jornadas no deserto, para que pudessem estar seguros da continuação do seu cuidado quando entrassem em Canaã. Admoesta-os a observar a lei a fim de prosperarem. O ato de lembrar-se se constitui como um gesto de confiança e coragem para que se possa retornar às raízes da fé; significa saber "recomeçar". Para os profetas o deserto é o lugar de onde se deve recomeçar, porque foi ali que Israel experimentou a total dependência de Deus. É também no deserto que Deus renova o seu noivado; Ele mesmo toma a iniciativa, como escreve o profeta Oseias: "Eu mesmo a seduzirei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração. Acontecerá, naquele dia, que me chamarás 'Meu marido', e não mais me chamarás 'meu Baal' (2,16.18). Ora, se Deus não é mais o objeto dos afetos dos membros da comunidade isso poderia significar que no seio da comunidade abriu-se inevitavelmente uma porta a outros deuses, que acabaram por ocupar o seu lugar. Não podemos nos esquecer que, na linguagem bíblica, o ato de recordar-se comporta sempre uma ação ativa, nunca passiva; é um antídoto contra a idolatria que está sempre à espreita.

Assim deve ser também a conversão dos efésios: a memória a qual é solicitada a comunidade consiste precisamente na capacidade de recordar a constante iniciativa de Deus; portanto, trata-se de recomeçar escolhendo novamente Deus. Relembrar que Deus é o centro da história e da vida de cada homem significa libertar-se de uma espécie de pelagianismo que coloca o homem ao centro. Por isso, tomar consciência de que Deus opera na vida da igreja é condição absolutamente necessária para a conversão. É muito sugestivo o episódio da conversão do filho mais novo narrado por Lucas em seu evangelho; a ideia ali sugerida consiste em algo

muito mais profundo que a simples fome: não foram as bolotas dos porcos que levou o filho mais novo ao arrependimento; foi a lembrança da casa do pai (Lc 15,17).

- b) O segundo imperativo está ligado à via do coração; *metanoein* significa antes de tudo mudar de mente, reconhecer que o modo de viver até o momento era errado e deixar-se transformar mediante a escuta da palavra de Deus, a única que pode purificar o coração e a mente; a conversão é principalmente revisão do nosso mundo interior. É necessário, portanto, que os efésios se perguntem sobre o seu relacionamento com Deus, se existe concentração no Senhor ou se estão concentrados em alguma outra coisa. As obras são sempre o fruto maduro de uma fé enraizada na memória e na conversão do coração.
- c) O terceiro imperativo é realizar as “primeiras obras” (as obras de antes). O substantivo *erga* (“obras”) é repetido com frequência no setenário das cartas, bem como no resto do livro. Trata-se de cumprir e conservar as obras de Cristo, rompendo definitivamente com o mal; significa agir em sintonia com o projeto de Deus. A via da memória e a via do coração são as únicas que podem garantir a qualidade diversa das obras, as primeiras obras. Talvez o entusiasmo dos inícios tenha ficado para trás, mas aquilo que é importante é recuperar as motivações de antes, recuperar o centro: somente Jesus Cristo é o fundamento da igreja, o fundamento deste caminho de conversão permanente que a igreja de Éfeso é convidada a fazer.

O apelo à conversão é acompanhado de uma séria advertência: se a conversão não se manifestar, o Senhor removerá o seu candelabro; o perigo que a comunidade está vivendo é o de distanciar-se definitivamente da presença do Senhor, porque ele mesmo a eliminará da comunhão litúrgica. Aquilo que está em jogo aqui não é algo de marginal (secundário), mas é



a identidade da igreja. A igreja de Éfeso pode, de um momento ao outro, encontrar-se sem o Senhor e de ficar privada de sua luz e de seu amor, terminando por desaparecer definitivamente.

A exortação conclui-se com um elogio: Éfeso tem de bom o fato de detestar os nicolaítas<sup>22</sup>. Não podemos identificar com exatidão quem são os seguidores desta seita; talvez seja uma seita libertino-gnóstica que pretendia ser a herdeira doutrinal do diácono Nicolau (citado em At 6,5). Ao que parece, contudo, os seguidores assim fazendo pretendiam apenas legitimar sua doutrina esotérica, recorrendo à tradição apostólica.

A mensagem à igreja de Éfeso termina com uma exortação a escutar "*o que o Espírito diz às Igrejas*" (v.7a), seguida de uma promessa ao vencedor: ser-lhe-á concedido "*comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus*" (v. 7b).

Encontramos repetidamente expressões e imagens deste tipo para indicar que o dom encontrado no final do caminho de conversão é a participação à mesma vida de Deus. Sete vezes ressoa nas cartas o apelo a escutar. O convite a escutar a voz do Espírito permite à igreja de manter a adesão ao Senhor e testemunhar a sua mensagem.

A comunidade é convidada a fazer um discernimento sapiencial (cf. Mc 4,9; Lc 8,8). Sete vezes ressoa nas cartas o apelo a escutar. O convite a escutar a voz do Espírito é aquilo que permite às igrejas de manter a adesão ao Senhor e testemunhar a sua mensagem. O convite feito pelo Ressuscitado mediante a voz do Espírito e o prêmio prometido a Éfeso é endereçado a todas as igrejas<sup>23</sup>. Assim, a distância entre a glória de Cristo ressuscitado e as igrejas que se encontram ainda no tempo da tribulação é preenchida pela voz e pelo testemunho do Espírito<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> A heresia em questão é citada em Ap 2,6.15.20.24: são os assim chamados nicolaítas, citados varias vezes na literatura dos primeiros séculos do cristianismo. Fora do Apocalipse, encontramos Paulo condenando esta doutrina em Rm 6,15; 8,1-13 e 1Cor 6,9-20.

<sup>23</sup> BIGUZZI, G. *Apocalisse: nuova versione, introduzione e commento* in I Libri Biblici Nuovo Testamento 20, Milano: Paoline 2005, p. 108.

<sup>24</sup> Antes ainda que o Senhor Jesus fosse entregue à morte, no decorrer da última ceia ele já havia exortado os apóstolos a confiar na presença e na ação do Espírito (cf. Jo 16,13-14).

O prêmio concedido ao vencedor é poder “*comer da árvore da vida que está no paraíso de Deus*”; em Ap 22,2 é dito que “*suas folhas servem para curar as nações*”. A conclusão do livro do Apocalipse apresenta esta árvore colocada no meio da praça da Nova Jerusalém: temos aqui uma clara referência ao jardim do Éden (Gn 2,9; 3,24), indicando que aquilo que foi perdido no início da história humana é agora concedido em plenitude. Seguindo o modelo profético descrito em Ez 47,12 o vidente de Patmos esclarece que as folhas desta árvore possuem um poder terapêutico para as nações; então, os destinatários desta terapia seriam os povos da terra que acreditaram no evangelho<sup>25</sup>. Isso significa que o autor do Apocalipse considera ainda a existência de nações que têm necessidade de serem curadas: “portanto a história está em desenvolvimento”<sup>26</sup>.

Podemos entender que estas palavras não são dirigidas apenas a um futuro distante, quando, ao seu retorno, o Ressuscitado concederá a todos os que nele creram a vida e comunhão plena com o Pai, mas têm relação também com o presente, com aquele que vence. Todos aqueles que conservam em seu coração o frescor do primeiro amor vivem já em uma situação de vitória que lhes permite de estar na comunhão com o Senhor. Nesse sentido, estas promessas ressoam como uma realidade já realizada no tempo presente, mas não ainda revelada na sua plenitude. Os cristãos, mediante a participação ao corpo e sangue de Cristo na eucaristia, são introduzidos nas realidades divinas significadas nos frutos da árvore da vida; ao mesmo tempo, vivem na espera do retorno do Senhor da glória: nesse dia, passada a figura deste mundo, viverão com ele eternamente na plena comunhão.

<sup>25</sup> Cf. MATHEWSON, D. *A New Heaven and a New Earth: The Meaning and Function of the Old Testament in Revelation 21,1 – 22,5* in *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 238* Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003, p. 196.

<sup>26</sup> Cf. DOGLIO, C. a cura di, *Apocalisse: Introduzione, traduzione e commento* in *Nuova Versione della Bibbia dai Testi Antichi*, Milano: Edizioni San Paolo 2012, p. 198.

#### 4. CONCLUSÃO

Durante a exposição do nosso estudo, pudemos constatar que a igreja de Éfeso pratica as obras, anuncia o evangelho e é constante, ou seja, possui o comportamento correto do cristão quando é perseguido. Mas ela deve reencontrar o seu amor de um tempo, deve recuperar aquela relação de amor intensa e desinteressada que tinha antes com o Senhor.

Esquecer o primeiro amor não é incidente teológico, é queda espiritual. Semelhante pecado demanda contrição e arrependimento. Por isso o Senhor pede insistentemente que retorne ao primeiro amor. Retornar aqui não significa absolutamente voltar à imaturidade espiritual, mas sim recuperar o ardor do início de nossa fé, o tempo em que o amor a Cristo os impulsionava a anunciar o evangelho com ardor e entusiasmo: "*Caritas enim Christi urget nos*", dirá o apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto, lembrando-lhes que a caridade de Cristo, que morreu por todos, faz com que também eles não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles (2Cor 5,14).

Temos uma visão idealizada das primeiras comunidades cristãs, as consideramos perfeitas. Ao invés, a igreja conheceu o risco a indiferença, da perda do fervor, desde o início<sup>27</sup>. O problema não é que Éfeso não está fazendo as obras de antes, mas sim o fato que ela não cumpre as obras *como* antes; portanto, a exortação do Ressuscitado a fazer as obras de outrora deve ser entendido como um convite que Deus faz para que a igreja retorne às origens.

Aquilo que faz de Éfeso uma comunidade realmente cristã não são as obras que faz, mas a presença do ressuscitado em meio a ela. Temos aqui uma tentação recorrente já nos primeiros séculos da cristandade: colocar o acento nas coisas de Deus, mais do que no próprio Deus. O perigo é criar a convicção que exista algo de bom que substitua a presença de Deus; por isso Éfeso deve

---

<sup>27</sup> O grande perigo é o cansaço, o desânimo, o deixar-se seduzir. O remédio para este mal é a perseverança, vocábulo que ocorre sete vezes no Apocalipse, seis delas dentro da nossa perícopa (1,9; 2,2.3.19; 3,10; 14,12). A palavra evoca também Mt 24,13; Mc 13,13; Lc 21,19; Hb 10,36.3. A virtude da perseverança é baseada na esperança, conforme vemos em 1Cor 1,5-7; 1Ts 1,3; Hb 10,37, que a reaviva sempre mais (Rm 5,3-5; 15,4-5; 2Pd 1,6-8) aumentando a alegria (At 5,41; 2Cor 7,4).

“acordar”, sair deste “profissionalismo”, que acaba por fazer com que a lógica do dom desapareça para dar lugar a um tipo de ativismo o qual, fatalmente, terá como consequência o abandono e extinção do primeiro amor.

A realidade presente no ambiente eclesial de Éfeso constitui-se como uma possibilidade concreta para todas as comunidades cristãs de todos os tempos: ou a comunidade mantém o seu fervor ou tende a mundanizar-se; quando isso acontece, ela se confunde com o mundo, com o seu modo de agir e desaparece como comunidade cristã. A sua presença no mundo é sinal profético de uma possibilidade de vida segundo outros parâmetros que não aqueles oferecidos pelo mundo: este deve ser visto como uma realidade a qual, em todos os tempos e lugares, deve ser fecundado pelo anúncio do evangelho. Quando o Apocalipse se refere ao esforço da evangelização (2,3; também 2,10.13b), o autor coloca em evidência que o cristianismo, desde o início, não foi entendido como uma religião para iniciados, mas sim como uma mensagem dirigida ao homem concreto, muitas vezes hostil, que vive no seu ambiente cultural particular. E é precisamente neste ambiente humano que ressoa a voz profética que anuncia a todo homem a gratuidade maravilhosa de Deus, junto à possibilidade de viver, já neste tempo, a salvação concedida gratuitamente pelo Pai, em seu Jesus Cristo. Somente através da ressurreição do Senhor o homem poderá descobrir a sua verdadeira dimensão de filho, e ao mesmo tempo viver na comunhão com Deus e com os outros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H. et all. *Apocalipse, novos céus e nova terra*, in *Coleção Dinamização Bíblica 9*, Lisboa: Difusora Bíblica, 1988.

AUNE, D. E. *Revelation 1-5*, in *Word Biblical Commentary*, 52A, Dallas: Word Books, Publisher, 1997. \_\_\_\_\_ «The form and function of the proclamations to the seven churches (Revelation 2-3)» in *New Testament Studies* 36 (1990) 182-204.

BARTELS, K. H. “Mimnêskomai”, in *a cura di COENEN, L. – BEYREUTHER, E. – BIETENHARD, H. Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, Bologna: Dehoniane, 2000<sup>6</sup>, p. 979-985.

BIGUZZI, G. *Apocalisse: nuova versione, introduzione e commento* in I Libri Biblici Nuovo Testamento 20, Milano: Paoline, 2005.

CHARLIER, J.-P. *Comprender el Apocalipsis I*, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1993.

DOGLIO, C. a cura di, *Apocalisse: Introduzione, traduzione e commento* in Nuova Versione della Bibbia dai Testi Antichi, Milano: Edizioni San Paolo, 2012.

FÉRET, H.-M. *O Apocalipse de São João*, São Paulo: Paulinas, 1968.

HOWARD, F. D. *1, 2 & 3 John, Jude, Revelation 24*, in *Layman's Book Commentary*, Nashville: Broadman Press, 1982.

MATHEWSON, D. *A New Heaven and a New Earth: The Meaning and Function of the Old Testament in Revelation 21,1 – 22,5* in *Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 238* Sheffield: Sheffield Academic Press, 2003.

PRINGENT, P., *O Apocalipse*, São Paulo: Loyola, 1993.

RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi: commento e attualizzazione*, vol. III, Bologna: Dehoniane, 1997<sup>7</sup>.

SCOBIE, C. H. H., «Local references in the Letters to the Seven Churches» in *New Testament Studies* 39 (1993) 606-624.

TUÑI, J.-O., ALEGRE, X. *Escritos Joánicos y Cartas Católicas* in *Introducción al estudio de la Biblia* 8, Estella: Verbo Divino, 2008.

VANNI, U. *Apocalipsis*, Navarra: Editorial Verbo Divino, 1999<sup>7</sup>.

\_\_\_\_\_. *La struttura letteraria dell'Apocalisse* (Aloisiana 8a), Brescia: Morcelliana 1980<sup>2</sup>